AS DORES DE PARTO E O NASCIMENTO NA LITERATURA BÍBLICA

Valmor da Silva

Meu agradecimento às pessoas que leram este artigo e ofereceram sugestões: Aldevina Maria dos Santos (enfermeira), Carolina Teles Lemos (socióloga da religião), Irene Dias de Oliveira Cezne (teóloga), Leonardo Mendes Cardoso (médico), Luis Schiavo (biblista), Mercedes de Budallés Diez (biblista). Meu reconhecimento também à Universidade Católica de Goiás (UCG) pelo apoio financeiro a esta pesquisa.

Todo ser humano passa, necessariamente, pela experiência do parto. O nascimento para a vida, assim como o nascimento definitivo para a morte, estabelecem os limites da grande aventura de cada pessoa.

Embora o vir à luz seja uma realidade universal, a moderna medicina tem mudado substancialmente o quadro de compreensão do processo reprodutivo. E não é só! Muitos fatores sociais e econômicos influenciam decisivamente sobre o controle da natalidade. As atuais políticas de reprodução humana tendem a diminuir o número de filhos. Em conseqüência vivemos um momento de transição demográfica, com mudanças muito bruscas.

Enquanto a tecnologia visa tornar o processo do parto mais seguro e menos doloroso, nem sempre consegue torná-lo mais natural. A mãe e a criança, protagonistas de toda a cena, correm o risco de ficar em segundo plano. Posição desconfortável, excesso de luz, cheiro de remédios, intervenção de aparelhos, ruído de pessoas estranhas, falta de contato direto entre a mãe e o nascituro são alguns dos fatores que podem comprometer a importância do parto.

Por outro lado o apelo à medicina popular ganha espaços cada vez mais amplos. O parto humanizado procura tornar o nascimento o ato mais natural possível. A função das parteiras é valorizada. Nesse processo todo, recuperam-se as práticas das culturas antigas.

Entre as antigas culturas destaca-se o judaísmo e, igualmente importante para nós, o cristianismo. Sua herança cultural foi assumida como Palavra de Deus, transmitida pela Bíblia. O presente estudo é orientado para a leitura dos textos bíblicos sobre o parto. Há muitas descrições de nascimentos na Bíblia, mas o que se destaca é o uso

simbólico dessa realidade. A literatura apocalíptica, particularmente, utiliza as dores de parto como metáfora. Vamos procurar conhecê-la[1]?

O parto, bênção ou maldição[2]?

A maternidade, no antigo Israel, era altamente valorizada. Numerosos filhos constituíam sinal da bênção de Deus. Rebeca, ao despedir-se para o casamento, é saudada pelos irmãos com o seguinte augúrio: "Sê tu milhares de miríades! Que tua posteridade conquiste a porta de teus inimigos!" (Gn 24,60; veja Rt 4,11-12). O valor de uma família numerosa pode ser conferido ainda na promessa do anjo a Agar (Gn 16,10) e também na literatura sapiencial (Pr 17,6; Sl 127,3-5; Sl 128,3).

A falta de filhos, ao contrário, era traumática, sendo a esterilidade um tema comum na época das matriarcas. É o caso de Sarai (Gn 16,1-2), provavelmente o de Lia (Gn 29,31), de Raquel, que chega a declarar: "Faze-me ter filhos também, ou eu morro" (Gn 30,1), da mãe de Sansão (Jz 13,3), de Ana (1Sm 1,5). As Escrituras apresentam outro aspecto, que não pode ser aqui desenvolvido, o da fecundidade que Deus proporciona a estas mulheres estéreis.

O nascimento de uma criança era, pois, motivo de festa e alegria (como se pode ler em Rt 4,14; Jr 20,15; e conferir em Lc 1,14.57-58; 2,13; Jo 16,21). Entretanto há homens, e somente dois homens, que amaldiçoam o próprio nascimento. É o caso de Jó (3,3.11-12; 10,18-19) e de Jeremias (15,10; 20,14), paradigmas do protesto e do infortúnio.

Naturalmente quem dá à luz é a mulher, mas o uso metafórico do nascimento é aplicado também a homens. São eles que "dão à luz iniqüidade" (Is 59,4; Sl 7,15; Jó 15,35). E Moisés, na tentativa de se esquivar à responsabilidade, retruca a Deus: "Fui eu, porventura, que concebi todo este povo? Fui eu que o dei à luz...?" (Nm 11,12).

Esta mesma frase nos coloca diante de outra realidade. Enquanto o ato de parir faz parte da experiência humana, a Bíblia aplica a mesma imagem a Deus, que gera pessoas e particularmente o seu povo. Aliás a criação de toda a humanidade é um ato gerador de Deus, segundo as diversas narrativas (Gn 1,1–2,4a; 2,4b-25; Sl 139; Jó 10). Mas estas histórias de criação não se expressam com a figura do parto. Toda a história do povo de Deus, entretanto, vai se desenrolar como um romance de amor entre Deus e Israel. Além de ser amante e pai, Deus é também mãe e nutriz. O criador é comparado à matriz do próprio povo na metáfora de Isaías: "Por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem eu não me esqueceria de ti" (Is 49,15; leia também 66,13).

1. Também os livros apócrifos ou pseudepígrafos, tais como 4 Esdras e 1 Henoc, utilizam a mesma imagem, sem contar outras fontes da literatura antiga. Entretanto nosso estudo vai se restringir aos textos da Bíblia.

2. Para esta parte confira: DE VAUX, R. *Les institutions de l'Ancien Testament I*. Cerf, Paris, 1961, p. 73-74; KÜHLEWEIN, J. *yld* Dar a luz. *In*: JENNI, E. e WESTERMANN, C. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento. I*. Cristiandad, Madrid, 1978, col. 1008-1013; BAAB, O.J. Birth. *In*: *The Interpreter's Dictionary of the Bible I*. Abingdon Press, Nashville, 1962, p. 440.

Mas há uma aplicação mais ousada ao declarar: "Desprezas a rocha que te deu à luz, esqueces o Deus que te gerou" (Dt 32,18; confira Jó 38,28-29). E ainda mais surpreendente: "Minhas entranhas se comovem por ele (Efraim), por ele transborda minha ternura" (Jr 31,20). O texto afirma, simbolicamente é claro, que Deus tem órgãos reprodutores femininos, aplicando a ele a palavra hebraica *réhem*, que significa entranhas ou útero. Provavelmente o mesmo termo consta em Os 11,8 onde o coração de Deus se contorce e suas entranhas se comovem.

Por este panorama geral pode-se concluir que o nascimento de uma criança é mais usado como figura ou como símbolo, e menos em seu sentido real. A descrição real e positiva do parto aparece por exemplo na história das parteiras salvadoras dos hebreus, no Egito, quando afirmam serem as mulheres dos hebreus "cheias de vida e, antes que as parteiras cheguem, já deram à luz" (Ex 1,19). Por aí se poderia deduzir que os partos eram espontâneos e menos sofridos. Há inclusive o nascimento dos gêmeos de Rebeca (Gn 25,24) e dos de Tamar, assistido por uma parteira (Gn 38,27-30). Mas há o caso concreto de Raquel, que morre no parto ao dar à luz Benjamim, o caçula que completa a lista dos doze filhos de Jacó (Gn 35,16-20). Afora algumas descrições de partos reais, o que se impôs à tradição foram as aplicações simbólicas do nascimento, na linha das dores e sofrimento conforme Gn 3,16[3].

Por que se impôs com tanta ênfase a imagem do parto na tradição bíblica? Por que a idéia mais forte que permaneceu foi a do parto com dores? E por que a profecia, sobretudo, apelou para esta simbologia?

Vamos em busca dessa tradição, fazendo uma leitura dos textos mais significativos. A maioria deles, como veremos, está no contexto da linguagem apocalíptica.

Antes de sentir as dores ela deu à luz – A tradição de Isaías

O uso simbólico da imagem do nascimento se impôs sobretudo nos profetas. A metáfora é tão forte que a própria realidade pode ser distorcida em vista da interpretação do autor. Também o contexto histórico fica perdido, com freqüência, de tal modo que apenas algumas alusões aos fatos podem ser feitas[4].

É sobretudo Isaías que desenvolve essa comparação, aplicando-a a contextos diversos, e dando-lhe já algumas cores apocalípticas. Passemos a uma leitura dessas principais referências:

3. "Multiplicarei tua dor ('itsabôn) e tua gravidez (*heron*)". No contexto em que foi escrito, na época de Salomão, este texto refletiria a exploração do estado sobre as mulheres. Em seu afã expansionista o rei procurou multiplicar as gravidezes das mulheres, a fim de obter mais filhos, ou seja, mais braços para os seus exércitos. A partir daí tem muito sentido a tradução da Bíblia de Jerusalém: "Multiplicarei as dores de tuas gravidezes".

4. É o caso da aplicação aos filisteus, no cântico entoado por Miriam: "Ouviram os povos, tremeram; dor (*hîl*) tomou os habitantes da Filistéia" (Ex 15,14).

Um primeiro texto se refere à queda da Babilônia diante do poderio dos medos (13,17). A redação não seria pois da época de Isaías, mas do final do exílio, lá pela primeira metade do século VI[5]. A comparação é aplicada aos babilônios:

O contexto é do dia de Javé, mencionado em forma de inclusão, pouco antes (13,6) e logo em seguida (13,9). Este dia é anunciado como um dia de trevas (13,10), de cólera divina e devastação dos opressores. Deus se apresenta como quem conduz a história e estabelece um claro julgamento contra quem se desvia do seu projeto universal. As imagens utilizadas já se inserem numa simbologia apocalíptica. A atitude da potência babilônica é comparada à proximidade das dores de parto. Daí as convulsões, dores, espanto, vermelhão na face. As diversas comparações se resumem em vergonha e medo por parte dos babilônios:

> *"E estão apavorados,*
> *convulsões e contrações os tomam;*
> *como parturiente sentem dores,*
> *uns para os outros olham espantados*
> *os seus rostos estão abrasados" (Is 13,8)*[6].

Outro texto, também referente à queda da Babilônia, utiliza a mesma comparação, misturando descrição histórica e visão. A destruição aqui mencionada não seria mais a dos medos, mas sim a de Ciro, de 539[7].

O contexto é semelhante, ou seja, trata-se do dia de Javé sobre a Babilônia (21,9), e as dores de parto são agora aplicadas ao profeta, como vigilante ou repórter a quem são apresentados os fatos. As reações são as mesmas, de confusão, dor e medo:

> *"Eis por que estão cheios meus quadris de dor,*
> *convulsões me tomam como convulsões de parturiente;*
> *estou tão confuso que não consigo ouvir,*
> *estou tão fora de mim que não consigo ver (Is 21,3).*

A referência seguinte da escola isaiana está no contexto do assim chamado "pequeno apocalipse" (Is 24–27), e mais precisamente no texto de um Salmo, ou seja, de uma oração do povo (26,7-19). Podemos situar a prece após a volta do exílio, como expressão da piedade judaica daquela época, misturando a decepção pelas esperanças frustradas e a espera da restauração por parte de Deus[8].

5. Conforme comentário da *TEB* (*Bíblia Tradução Ecumênica*) a Is 13,1, nota "g".

6. Procurarei manter a tradução constante dos termos hebraicos relativos ao parto: dor, dores de parto (*hîl*), convulsões (*tsîr*), contrações (*hébel*), angústia (*sarah*), parturiente (*ywoledah*), grávida (*harah*), conceber (*harah*), dar à luz (*yalad*). Expressões mais raras constam no próprio texto traduzido.

7. Conforme comentário da *TEB* (*Bíblia Tradução Ecumênica*) a Is 21,1, nota "z"; da *Bíblia de Jerusalém* a Is 21, nota "c"; e da *Bíblia Pastoral* a Is 21,1-10.

8. Conforme comentário de *La Biblia Latinoamérica* a Is 26,7.

Mas o contexto que circunda a nossa imagem é o da ressurreição dos mortos. A afirmação precedente refere-se aos mortos que não ressurgirão (26,14) e a seguinte aos mortos de Javé que efetivamente ressurgirão (26,19).

Em meio às duas afirmações, quem geme e grita é o povo que, curiosamente, só pare vento. É a imagem da frustração e do nascimento vazio:

> *"Como a mulher grávida, ao aproximar-se a hora de dar à luz,*
> *sente dores, grita, nas suas contrações,*
> *assim nos encontrávamos nós na tua presença, ó Javé:*
> *Concebemos e tivemos as dores de parto,*
> *Mas quando demos à luz, era vento:*
> *Não asseguramos a salvação para a terra;*
> *Não nasceram novos habitantes para o mundo (Is 26,17-18).*

Na mesma tradição simbólica situa-se o próximo texto, referindo-se igualmente ao povo que não tem forças para dar à luz. O contexto histórico é o da invasão de Senaqueribe em 701 e o texto pode ser lido, de maneira idêntica, também em 2Rs 19,3:

> *"E lhe disseram: Assim diz Ezequias: Dia de angústia, de castigo e de humilhação é este dia. Com efeito, chegaram os filhos ao ponto de nascer* (xabar, *literalmente "fazer romper"), mas não há força para dar à luz" (Is 37,3).*

No contexto seguinte, do Dêutero-Isaías, há uma mudança de sentido no uso da mesma metáfora do parto. A imagem é aplicada a Deus, guerreiro valente (42,13) e mulher corajosa que dá à luz[9]. O destaque é dado à força e à energia no momento de parir, e não mais ao medo e à vergonha como nos textos anteriores. Este verso destaca o barulho no momento do parto, em contraste com o silêncio preparatório. Ouve-se gemer, suspirar e respirar de maneira ofegante. É a ação feminina de Javé ao iniciar o caminho de renovação:

> *"Há muito tempo me calei,*
> *vou fazer silêncio e me conter?*
> *Como parturiente eu gemia,*
> *Suspirava e ofegava" (Is 42,14).*

Em sua próxima referência à maternidade o Dêutero-Isaías a atribui a Jerusalém. O contraste é estabelecido agora entre ser estéril e ser fecunda. Na destruição e exílio a cidade era vista como mulher sem filhos, enquanto a reconstrução devolve a ela toda a proliferação de sua descendência. Com isso reintroduz o tema da esterilidade premiada com a prole numerosa (Sl 113,9) como Ana (1Sm 2,5), Sara (Gn 21,7) e outras mulheres. No presente contexto as dores de parto contrastam vivamente com os gritos de alegria e júbilo. O texto é citado literalmente em Gl 4,27:

> *"Entoa alegre canto, ó estéril,*
> *que não deste à luz;*

9. Confira: CROATTO, José Severino. *Isaías – A palavra profética e sua releitura hermenêutica. Vol. II: 40–55 – A libertação é possível.* Editora Vozes e Sinodal, Petrópolis e São Leopoldo, 1998, p. 82.

ergue gritos de alegria, exulta, tu que não sentiste as dores de parto,
porque mais numerosos são os filhos da abandonada
do que os filhos de uma esposa, diz Javé" (54,1).

Passando ao contexto do Trito-Isaías, prossegue a comparação positiva com o nascimento. Vemos ainda Jerusalém ou Sião em sua máxima proliferação. A comparação é lançada para a nova Jerusalém, imediatamente reconstruída e fartamente repovoada. A metáfora destaca então o parto rápido e fácil, fecundo e indolor. Traduz a realidade do novo mundo que está nascendo:

"Antes de sentir as dores de parto ela deu à luz,
antes de lhe sobrevirem as contrações ela pôs no mundo (malat, literalmente "libertou") um menino!
Quem já ouviu tal coisa?
Quem já viu acontecimento semelhante?
Por acaso uma terra pode sair das dores de parto em um dia?
Pode uma nação ser nascida de uma só vez?
Pois Sião, assim que sentiu as dores de parto, também deu à luz os seus filhos!" (Is 66,7-8).

Prosseguindo na leitura deste final feliz de Isaías, Deus se apresenta como a própria maternidade, ou como a mãe de todas as mães, quem "rompe o seio" e "faz nascer" (66,9). E logo estende o convite para mamar e saciar-se, sugar e deleitar-se no seio consolador e no peito fecundo (v. 11). Javé assume integralmente a maternidade do seu povo, pois, além de amamentar, pega no colo e acaricia sobre os joelhos. O fruto desta ação materna de Deus é a paz correndo como um rio (v. 12-13).

Os textos de Isaías referidos ao nascimento mostraram que a sua aplicação pode mudar totalmente de sentido, conforme a aplicação que dela faz o profeta. Quando aplicado a homens, o parto adquire aspectos terríveis, pois estes se apavoram. Igualmente os povos, sejam israelitas ou estrangeiros, estremecem e se envergonham. Pior ainda, frustram-se por não conseguirem dar à luz. Contrariamente, quando Deus assume o papel da mulher que gera nova vida, o acontecimento é envolvido em sucesso e alegria total.

Angústia se apoderou dele, dor como a da parturiente – Jeremias

A profecia de Jeremias reflete uma situação mais dramática. Seus veementes apelos não impediram a ruína do Reino de Judá. Suas reiteradas advertências não barraram a expansão do império babilônio nem os avanços de Nabucodonosor sobre Jerusalém. Sua colaboração com o início da reforma de Josias não surtiu o efeito esperado, e o profeta teve que amargar a dor do exílio pessoal e da deportação do seu povo.

O emprego da metáfora do parto reflete o drama do profeta e do seu livro. Por isso também as dores vão se concentrar sobre a capital, denominada Sião.

Num primeiro texto chegam aos ouvidos de Javé os gritos de Jerusalém, gemendo qual parturiente, diante da invasão do Norte (4,6). O terrível exército que desce do

Norte não tem contornos precisos e, como em geral nas palavras de Jeremias, pode ser aplicado aos assírios, aos citas, aos babilônios, ou a outro nome fictício para se referir aos históricos inimigos de Israel[10]. Entretanto o contexto histórico do profeta o situa em torno às deportações para a Babilônia, até a culminância da catástrofe em 586 aC.

No mesmo poema já apareceu o profeta sentindo contorções em suas próprias entranhas (4,19). Mas agora é a capital que se aflige e desfalece pedindo socorro diante dos invasores. A angústia é intensificada pelo engano que lhe infligem os amantes. Logo no contexto anterior (4,30) a cidade se enfeita qual amante sedutora para recebê-los, mas é traída pelo desprezo e pelo assassínio. Dessa forma o instante do princípio de uma nova vida se aproxima do momento terminal. Vida e morte se encontram na mesma imagem:

"Sim, um grito como o de uma parturiente (hôlah)*, ouço*
aflição como a da que dá à luz pela primeira vez (mabekîrah);
é o grito da filha de Sião, que geme, e que estende as mãos:
'Ai de mim, que desfaleço
diante dos assassinos!'" (Jr 4,31).

Em contexto idêntico de invasão do Norte é colocado o texto seguinte, que pesa sobre Jerusalém como anúncio de julgamento. A frase reflete a reação de todo o povo que assim expressa o seu desfalecimento:

"Ouvimos a notícia,
desfaleceram nossas mãos,
angústia se apoderou de nós,
dor como a da parturiente" (Jr 6,24).

Agora, com atitude mais ameaçadora, a profecia se volta para Sião, como figura corporativa da população. A chamada de atenção se dirige contra os chefes, educados para o comando, mas nulos e contrários à nação na hora mais necessária:

"Que dirás quando te castigarem,
a ti, que os ensinaste,
a esses amigos que estão à frente contra ti?
Não te dominarão, então, contrações
Como as de uma mulher no parto ('éxet ledah)*?" (Jr 13,21).*

Continua, como em trabalhos de parto, Jerusalém personificada, no outro texto que segue. O orgulho da cidade é retratado na sua alta moradia, cheia de cedros, madeira nobre importada do Líbano. Jerusalém é uma mulher cujos amantes traiçoeiramente partem para o exílio, deixando-a envergonhada. O motivo está no contexto anterior, "não escutar a voz de Javé" (22,21). A conseqüência? Vem em seguida:

10. Veja o comentário da *Bíblia Pastoral* a Jr 4,5-22.

"Tu que habitas no Líbano,
que colocas o teu ninho nos cedros,
como gemerás quando vierem a ti contrações,
dores como as da parturiente!?" (Jr 22,23).

Retorna um texto de caráter otimista, como parte do "livro da consolação" (Jr 30–31). Este se situaria na época da reforma de Josias, por volta de 622, quando o profeta exprime a esperança de retorno dos exilados do Norte. Tal esperança se estende também aos deportados do Sul[11].

Essa esperança anunciada pelo profeta não disfarça a sua dureza. Será um dia de angústia, do qual Jacó sairá salvo. Tal realidade é expressa como um nascimento. A linguagem irônica deixa transparecer a comicidade da cena. Enfim, é o parto aplicado a homens:

"Interrogai e averiguai.
Pode um homem dar à luz?
Por que vejo a todos os valentes
com as mãos nos quadris, como a parturiente?
Por que todos os rostos se tornaram lívidos?" (Jr 30,6).

Ironia ainda mais cruel é ver soldados parindo. Pois é justamente esta a comparação seguinte, interpretando o coração dos valentes. A referência é feita a Moab, país vizinho de Judá e antagônico desde há muito tempo. Por ocasião do ataque babilônico, em 597 aC, os moabitas colaboraram colocando-se justamente do lado dos invasores (veja 2Rs 24,2). A lembrança desse fato certamente permaneceu indelével na memória. Esta mesma frase com referência ao parto é repetida em Jr 49,22:

"São tomadas as cidades,
as fortalezas capturadas.
O coração dos guerreiros de Moab será, naquele dia,
*Como o coração de uma mulher em dores de parto (*sarah, *literalmente 'angústia')" (Jr 48,41).*

Também a Damasco, a capital da Síria, outro país vizinho de Israel, é aplicada a imagem da parturiente. O texto faz parte de um oráculo sobre Damasco (49,23-27) "formulado depois da vitória de Nabucodonosor sobre os egípcios e os assírios em Karkemish, em 605"[12]:

"Damasco está sem coragem, volta-se para a fuga,
um terror se apoderou dela
angústia e contrações se apoderaram dela como de uma parturiente"
(Jr 49,24).

11. Confira *Bíblia de Jerusalém*, Jr 30, nota "o".

12. *TEB* (*Bíblia Tradução Ecumênica*), Jr 49,23, nota "n". Confira *Bíblia de Jerusalém*, mesmo texto, nota "t"; e nota da *Bíblia Pastoral* a Jr 49,23-27.

E finalmente chega a vez do rei da Babilônia. Aquele que fora sempre visto como o terror e causador de pânico sofre enfim a mesma sorte que infligiu aos seus dominados. As palavras repetem quase literalmente 6,24, ou seja, a situação vivida por Jerusalém retorna àquele que a causou. Babilônia foi o símbolo da opressão e do terror. Era impossível que permanecesse impune:

"O rei da Babilônia ouviu a notícia,
desfaleceram suas mãos,
angústia se apoderou dele,
dor como a da parturiente" (Jr 50,43).

Em Jeremias, portanto, não há parto bem-sucedido. Não há gritos de alegria saudando novos nascimentos, mas apenas convulsões lembrando o drama da destruição. A figura do parto é aplicada, na maioria das vezes, à capital Jerusalém, denominada Sião, mas também aos soldados do Norte, aos de Damasco, e finalmente ao próprio rei da Babilônia.

Chegando o momento, ele não sai do seio materno – Oséias

A profecia de Oséias enfrentou o desmantelamento das famílias, sobretudo pela exploração das mulheres e das crianças. Nesse processo denunciatório são acusados tanto os exploradores nacionais quanto as potências estrangeiras. O texto que segue está contextualizado na invasão assíria sobre o Reino do Norte, Israel. Este é então denominado Efraim e comparado a uma mãe cujo filho, no momento do parto, é insensato e não quer nascer. Esta forma de antinascimento representa a calamidade sofrida pela população:

"As contrações da parturiente lhe sobrevêm,
mas é um filho néscio,
*porque, chegando o momento, ele não sai do seio materno (*xabar, *literalmente 'não rompe')" (Os 13,13).*

Efraim é uma mulher que não dá à luz seu filho no momento de nascer. Estaria aí representada a resistência das mulheres, ao não se sujeitarem a dar filhos à exploração do Estado? Esta idéia consta também em 9,11-17, espécie de terrível campanha pela esterilização, aborto e infanticídio. A história tem registrado diversos momentos semelhantes, de extremo desespero. É quando as mulheres, através de seu poder gerador de vida, dizem não à exploração da mesma vida e protagonizam o protesto a partir da força de seu próprio corpo.

Oséias estende suas metáforas com relação à esterilidade quando, por exemplo, usa para o Reino de Israel, lugar onde ele vive, o nome de Efraim, nada menos de trinta

e cinco vezes. Ora *Efraim* vem da raiz *parah*, que significa "dar fruto". Ao que parece há uma crítica à problemática daquela sociedade, que não está dando seus frutos.

Outro exemplo ainda para representar a falta de fertilidade é a utilização de quatro sinônimos diferentes para a palavra "espinho" (2,8; 9,6; 10,8.8), além de urtiga (9,6) e erva venenosa (10,4) sempre aplicados com conotação negativa. Isto sem contar que o povo é comparado, em Oséias, invariavelmente com animais domésticos, novilha, pomba, passarinho e outros, em contraste com Javé, sempre um animal feroz e violento.

Tudo isso, somado à preocupação desta profecia pelas crianças, mulheres, prostitutas, natureza, leva a concluir a sua crítica à sociedade constituída, em forma de resistência feminina extrema, e a propor um projeto bem diferente, a partir de novos nascimentos, não mais com filhos estúpidos, mas espertos.

Sente dores e grita, filha de Sião, como parturiente – Miquéias

Miquéias contextualiza um texto sobre as dores, por ocasião do assédio a Jerusalém e conseqüente deportação para o exílio em 587 aC. É Sião que sente as dores de parturiente ao ser deportada. Mas nesse grito o profeta antevê as alegrias da libertação como o verdadeiro nascimento:

> *"Agora por que gritas?*
> *Não tens um rei contigo?*
> *Desapareceram os teus conselheiros,*
> *para que a dor se apodere de ti como de uma parturiente?*
> *Sente dores e grita,*
> *filha de Sião, como parturiente,*
> *porque agora sairás da cidade*
> *e habitarás no campo.*
> *Irás para Babel*
> *e lá serás libertada;*
> *lá Javé te resgatará*
> *da mão de teus inimigos" (Mq 4,9-10).*

Positivamente as dores são sinal de vida e de alegria. O profeta não esconde a crítica aos chefes, que levaram o país à ruína e ao desterro. Por isso causam dores. Mas no mesmo oráculo em que denuncia a deportação, anuncia simultaneamente a libertação e o resgate por parte de Deus. Por isso há alegria.

Ali apossou-se deles um tremor, dor como de parturiente – Salmo 48

O Sl 48 louva Sião e descreve o tremor dos inimigos diante dela. Para simbolizar o pavor e debandada dos reis que se alinharam contra Jerusalém, usa a imagem da parturiente:

> *"Ali apossou-se deles um tremor,*
> *dor como de parturiente" (Sl 48,7).*

Outra vez a ironia do destino ridiculariza os reis. Homens de cetro e coroa, dando à luz, simboliza muito mais que pavor. Enquanto aparece o fracasso dos opressores apavorados, se sobressai o êxito da cidade de Sião.

Quando uma mulher der à luz – Levítico 12

O livro do Levítico traz uma lei sobre o pós-parto que soa no mínimo estranha, machista e antiquada. A lei prevê um período de quarenta dias de impureza para a mulher que der à luz um menino e oitenta dias se for menina[13]. A primeira semana, ou as primeiras duas, conforme o caso, corresponde à impureza menstrual. O resto do tempo é reservado ao processo de purificação. O período termina com um holocausto e um sacrifício pelo pecado:

> *"Se uma mulher conceber* (tazerî'a) *e der à luz um menino, ficará impura durante sete dias, como por ocasião da impureza de suas regras. No oitavo dia, circuncidar-se-á o prepúcio do menino e, durante trinta e três dias, ela ficará ainda purificando-se do seu sangue. Não tocará coisa alguma consagrada e não irá ao santuário, até que se cumpra o tempo da sua purificação.*
>
> *Se der à luz uma menina, ficará impura durante duas semanas, como durante as suas regras, e ficará mais sessenta e seis dias purificando-se do seu sangue" (Lv 12,2-5).*

Esta lei é muito antiga e reflete mecanismos de proteção da mulher dentro do grupo social, especialmente no período de resguardo. Todas as culturas conhecem tal tipo de procedimento. A lei visaria portanto, na sua origem, valorizar a importância da mulher que é responsável pela geração. A própria mulher seria então a referência ao sagrado[14].

Mas da forma como a lei se apresenta, inserida num estágio posterior no livro do Levítico, a referência ao sagrado passa a ser o sacerdote. E o parto se relaciona com a impureza, isto é, com a menstruação, associado à legislação sobre a lepra (Lv 13–14). Tudo isso, como é evidente, está longe dos atuais padrões científicos.

A impureza que teria no início o sentido de proteger a vida, relacionada ao sangue, passa agora a ser referida ao culto. A cerimônia de purificação visa reintegrar a mulher no âmbito do sagrado, e portanto no espaço cultual do sacerdócio e do templo.

13. Não há base científica para sustentar essa conduta. Ao contrário, as estatísticas atuais mostram que há mais cuidado para com o menino que com a menina. Isto se deve ao fato de nascerem mais meninos como também de morrerem mais. Daí a maior atenção a eles que a elas.

14. Leia: PEREIRA, Nancy Cardoso. Comida, sexo e saúde – Lendo o Levítico na América Latina. *In*: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, 1996, n. 23, p. 150-151.

Permanece, contudo, a idéia do parto como momento de impureza da mulher. Esse aspecto negativo e machista pode ter influenciado negativamente a leitura dos outros tantos partos ao longo da Bíblia Hebraica, como acabamos de ver[15].

Ai daquelas que estiverem grávidas – Marcos 13

Passando para o Novo Testamento, a Bíblia cristã, encontramos o parto no capítulo 13 do Evangelho de Marcos, um típico apocalipse. Colocado na boca de Jesus, descreve a destruição do templo de Jerusalém. Os paralelos, Mt 24,1-51 e Lc 21,5-36, apresentam o mesmo conteúdo, com as variantes características de cada um. O único versículo repetido de maneira idêntica nos três sinóticos é: "Ai daquelas que estiveram grávidas e estiverem amamentando naqueles dias!" (Mc 13,17; Mt 24,19; Lc 21,23)[16].

O contexto se refere às batalhas em torno ao ano 70, época da revolta dos judeus contra a dominação romana. No momento multiplicam-se também os conflitos entre comunidades cristãs e instituições judaicas. Cristãos e fariseus não participam da guerra, e os cristãos até debandam em fuga. Por isso são acusados como culpados pela conseqüente destruição do templo de Jerusalém.

O próprio texto, Mc 13, vai se desenvolvendo como um parto, com o início das dores (v. 8), com gravidez e amamentação no centro do texto, aludindo ao inverno (v. 17-18), passando para a vinda do Filho do Homem (v. 26) e se direcionando para o surgimento da primavera (v. 28). Tem como ponto de partida, portanto, a desgraça e destruição do templo e termina com a certeza de uma novidade total, e com alerta à vigilância.

A imagem do parto representa verdadeiramente o início das dores pelo novo mundo que deve ser iniciado. Trata-se, com evidência, de um início, não de um fim. O texto não fala do fim do mundo, fala, sim, do começo de um novo mundo:

> *"Pois levantar-se-á nação contra nação e reino contra reino. E haverá terremotos em todos os lugares, e haverá fome. Isso é o princípio das dores do parto" (Mc 13,8)*[17].

A partir deste versículo começa a descrição dos acontecimentos trágicos, conflitos ao interno da comunidade e com os dominadores estrangeiros. No centro do capítulo, coincidindo com o centro da crise, uma frase surpreendente:

15. Em culturas africanas vigoram práticas que estendem a impureza da mulher, no pós-parto, para um ano. Durante esse período a irmã mais nova da mulher serve sexualmente ao marido. Isto seria, segundo antropólogos, uma forma inconsciente de controle da natalidade. Devo esta informação a Irene Dias de Oliveira Cezne, teóloga brasileira com longa experiência em Moçambique.

16. Confira: REIMER, Ivoni Richter. Gerar, parir, cuidar – Experiências de vida e morte... também na escatologia. *In*: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, 1996, n. 50, p. 70.

17. Para o Novo Testamento os termos traduzidos do grego são: dor, dores de parto (*odín*), estar grávida (*en gastrì achoúso*), amamentar (*thelazo*), dar à luz (*tikto*), nascer (*gennao*), gemer junto (*systenázo*) e sofrer as dores junto (*synodino*). Confira o inspirador estudo em: REIMER, Ivoni Richter. Gerar, parir, cuidar – Experiências de vida e morte... também na escatologia. *In*: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, 1996, n. 50, p. 65.

> *"Ai daquelas que estiveram grávidas e estiverem amamentando naqueles dias!" (Mc 13,17).*

No meio da tribulação, uma presença profundamente afetiva, mulheres grávidas e mulheres dando de mamar. As fases da maternidade marcam presença completa em meio à guerra. A partir daí surge a possibilidade de salvar-se (v. 20). Este "ai" não estaria justamente trazendo a nota da compaixão a este contexto de crise? E as mães com seus filhos não estariam demonstrando, contra toda a corrente, que o mundo diferente é possível?

Quando a mulher está para dar à luz, entristece-se – João

No Evangelho segundo João, no contexto dos discursos de despedida (13–17), há um texto no qual Jesus anuncia sua partida e seu breve retorno (16,16-23a). Anuncia, na verdade, uma nova forma de presença em meio aos discípulos, não mais física e fugaz, e sim viva e duradoura. Refere-se à sua presença como ressuscitado junto às suas comunidades.

Se a morte marca um momento de choro e lamento (16,20), a vida definitiva assegura a alegria total. Foi assim com a experiência de Jesus, não deixa de ser igual com seus discípulos, a comunidade à qual o Quarto Evangelho se dirige, e será igualmente assim com quem se põe a caminho no seguimento de Jesus. Na própria resistência à opressão está a realidade de uma outra forma de viver. A dor da perseguição faz germinar as sementes da nova vida.

Tudo isso é expresso com a imagem da mulher grávida, pronta para gerar o novo ser humano:

> *"Quando a mulher está para dar à luz, entristece-se*
> *porque a sua hora chegou;*
> *quando, porém, nasce a criança*
> *ela já não se lembra dos sofrimentos,*
> *pela alegria de ter nascido ao mundo um homem" (Jo 16,21).*

A frase sublinha o contraste entre a tristeza por causa dos sofrimentos e a alegria por ter gerado uma criança. Estabelece também uma relação implícita entre a "hora" da mulher que dá à luz e a "hora" da paixão-ressurreição de Jesus que tipifica todo esse contexto. Há portanto um paralelo entre o novo nascimento e a ressurreição de Jesus, paralelo entre a brevidade do sofrimento e a alegria definitiva da vitória. Assim como a dor do parto é apenas prenúncio do nascimento da criança, igualmente a morte será início da vida verdadeira e definitiva.

A natureza geme e sofre dores de parto – Romanos

Em Rm 8 é descrita a vida cristã como plena filiação divina, isto é, a pessoa humana, de escrava, passa a ser filha de Deus. Esta realidade é apresentada com a lingua-

gem jurídica da adoção do escravo como filho. A filiação é tão efetiva a ponto de tornar a pessoa herdeira, portanto, com plenos direitos de filha. Da mesma forma como os seres humanos são elevados à filiação divina, também a natureza é elevada a participar da condição humana.

Assim como a humanidade grita no clamor do Espírito, assim também a natureza geme no gritar humano. E assim como Deus resgatou os seres humanos da escravidão, a natureza espera ansiosamente por um ato de libertação por parte da humanidade liberta. Como se vê, há uma integração plena entre o destino da humanidade e o destino da natureza.

Toda essa realidade é descrita com a imagem do parto, através do gemer junto e sentir dores de parto junto:

> *"Pois sabemos que a criação inteira geme junto e junto sofre as dores de parto até o presente. E não somente. Mas também nós que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, esperando ansiosamente pela redenção do nosso corpo (Rm 8,22-23).*

Temos portanto uma integração total, além de um crescendo, entre a natureza que geme (v. 22), nós que gememos (v. 23) e o Espírito que geme (v. 26). O universo inteiro está integrado num só gemido[18].

Aqui é a integração cósmica que está acentuada. São convidados a forjar a nova realidade, pelo Espírito, os seres humanos com toda a natureza. Isto será um verdadeiro parto, com o grito de um novo nascimento.

Meus filhos, por quem eu sofro de novo as dores de parto – Gálatas

O próprio apóstolo Paulo gosta de aplicar a si mesmo a imagem da maternidade e da paternidade. Num contexto de polêmica com outros pretensos evangelizadores, ele se dirige à sua comunidade dos Gálatas, e num tom de afeto e familiaridade declara:

> *"Meus filhos, por quem eu sofro de novo as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós" (Gl 4,19).*

A formação cristã das pessoas é comparada à geração de uma criança. Paulo se compara à mãe que gera filhos em 1Cor 4,15. Diz também que gerou Onésimo na prisão (Fm 10), isto é, fez dele um cristão, libertando-o da escravidão. Ele é ainda "uma mãe que acaricia os seus filhinhos" (1Ts 2,7) e logo em seguida é um pai que exorta (v. 11). Dirige-se aos evangelizados como a filhos (2Cor 6,13)[19].

18. Veja: GOEDT, Michel de. A intercessão do Espírito na oração cristã (Rm 8,26-27). *In*: *Concilium*. Petrópolis, 1972, v. 79, p. 1148.

19. Confira: SILVA, Valmor da. Crianças no Novo Testamento. *In*: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, 1997, n. 54, p. 67-68.

Não é de estranhar, portanto, que ele compare o processo evangelizador a um verdadeiro nascimento.

Destruição, como as dores sobre a mulher grávida – 1 Tessalonicenses

As dores aparecem noutro texto apocalíptico de Paulo, referindo-se à vinda do Senhor (1Ts 4,13–5,11). Ao retomar a realidade do Dia do Senhor, dissipa as curiosidades com relação ao tempo e ao prazo. E, para representar o caráter intempestivo desse dia, usa as imagens do ladrão que chega de surpresa, a da destruição repentina e a das dores de parto:

> *"Quando as pessoas disserem: paz e segurança!,*
> *então, lhes sobrevirá repentina destruição,*
> *como as dores sobre a mulher grávida;*
> *e não poderão escapar" (1Ts 5,3).*

A referência se dá aos dominadores romanos que repetiam o *slogan* "paz e segurança", para dizer que tudo estava em ordem. Para eles, diz o texto, não há solução, pois não poderão escapar. Logo continua dirigindo-se à comunidade cristã de Tessalônica, que vive na luz, e alerta para que continuem acordados.

Curiosamente aqui é sublinhado o caráter repentino e surpreendente das dores de parto. A imagem positiva do nascimento se aplica à situação de ruína em que se encontram os opressores. Quer descrever precisamente a sua tragédia, como se fossem assaltados por um ladrão, por um dilúvio ou por um parto repentino.

Estava grávida e gritava, entre as dores do parto – Apocalipse

Enfim o Apocalipse apresenta a visão da mulher grávida, pronta para dar à luz, gritando, e o dragão querendo devorar-lhe o filho. O caráter desigual do confronto acentua a fragilidade da mulher em dores de parto e a voracidade da besta fera. Mas deixa ainda mais claro o contraste entre a vitória da fraqueza contra a prepotência do poder:

> *"Estava grávida e gritava, entre as dores do parto, atormentada para dar à luz... Ela deu à luz um filho, um varão, que irá reger todas as nações com um cetro de ferro..." (Ap 12,2.5).*

Esta maternidade está gerando o protótipo de uma nova humanidade. Retrata historicamente as comunidades cristãs, frágeis e indefesas perante as perseguições do Império Romano, naquele final do primeiro século da era cristã. E representa todo o anseio de libertação das comunidades sofridas em busca dos novos céus e nova terra.

O parto, bênção ou maldição?

Os textos bíblicos que acabamos de apresentar relacionam-se com situações apocalípticas, isto é, demonstração de uma face diferente do mundo. Esta visão nova das coi-

sas procura justamente o olhar de Deus, o aspecto transcendente, a perspectiva do absoluto sobre a história humana. Costuma-se chamar isto de Apocalipse ou Revelação.

Nossa leitura quis concentrar-se sobre textos em que esta visão dos fatos utiliza a imagem do parto como meio de ilustração. Haveria comparação mais oportuna que esta, do nascimento?

Se olharmos para a situação histórica desses textos, poderemos concentrá-los em alguns momentos de crise mais aguda. São as maiores catástrofes na história do povo bíblico.

A primeira grande catástrofe, na história do judaísmo, é o exílio. Este desastre compreende as diversas deportações para a Babilônia, a destruição da capital Jerusalém, o templo totalmente arrasado. Em torno a essa crise se concentram quase todos os textos lidos da Bíblia Hebraica, Isaías, Jeremias, e em parte também os demais.

A outra grande catástrofe, que agrupa quase todos os textos da Bíblia Cristã, é a destruição de Jerusalém, no ano 70. Compreende-se aí a resistência dos judeus e a luta contra o poder romano, culminando com a invasão da cidade e o incêndio do templo. Em torno a esse desastre situam-se os apocalipses dos evangelhos (Mc 13), em parte Paulo (1Ts 5). Apocalipse (Ap 12) já estaria noutra crise, a perseguição do final do primeiro século.

Nessas crises o parto aparece talvez para dar a nota de esperança ao contexto. Teríamos então uma chave positiva para interpretar os fatos. Poderíamos ao menos vislumbrar a novidade em meio à crise. Expressão disto é então o fato de que a maioria desses textos apontam para uma situação ideal, escatológica. No caso do Testamento Cristão, a referência é a vinda do Senhor.

Contudo a referência ao parto nem sempre é positiva, como visto. Nada de romantismos. Pelo contrário, é o realismo que conta. Com efeito pela história nos damos conta de que os partos não eram fáceis naqueles tempos. Talvez por isso se impõe uma espécie de cultura da dor em torno ao dar à luz. Além disso a ausência da participação do homem podia aumentar a dor e o medo.

Havia a idéia de que o ato de dar à luz tornava a mulher impura, como atestado em Lv 12.

Pior ainda, aconteciam inúmeros casos de morte durante a gravidez, no parto e no tempo de resguardo. As próprias condições de vida levavam a um elevado número de mortalidade materna. Ser mãe implicava portanto em muitos riscos[20].

Apesar de tudo as dores de parto guardam uma conotação positiva, associadas à alegria, nascimento, realização, vitória, vida nova. Não se morre propriamente de dor de parto. Esta dor está associada ao processo de nascimento. Por isso é algo positivo, assimilável, gradativo. À medida que a mulher entra nas dores de parto, entra igualmente na felicidade de estar gerando um novo ser.

20. O tema está bem desenvolvido em: REIMER, Ivoni Richter. Gerar, parir, cuidar – Experiências de vida e morte... também na escatologia. *In*: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, 1996, n. 50, p. 67-69.

Portanto, a apresentação feita dos textos sobre o parto e o nascimento leva a concluir que a vida é mais forte. Sobretudo no contexto da literatura apocalíptica, o parto representa um momento de crise, mas aponta para um novo nascimento, repleto de resistências, esperanças, alegrias e surpresas. Os apocalipses portanto não sinalizam um "fim", mas sempre um novo "início". Não falam do "fim do mundo" mas do "início do mundo". A metáfora do parto ajuda a ilustrar essa nova realidade.

Pelo parto a humanidade garante a perpetuação de sua espécie. Nesse sentido é o fato central da criação. Por isso a Bíblia não encontra expressão melhor para figurar a realidade do mundo novo que deve nascer.

Valmor da Silva
Rua Dr. Olinto Manso Pereira, n. 63, Ap. 200
Setor Sul
74083-060 Goiânia, GO
Tel. e fax (0xx62) 223.6294
E-mail: lesil@zaz.com.br